

A LATA

Periodico independente dedicado ás mães de familia e aos Paes da Patria

PROSA ■ ■ VERSO ■ ■ GRAMMATICA ■ ■ HUMORISMO

ARTIGO DE FUNDO

Em plena quaresma, depois que emudeceram as zabumbas dos Zé-Pereiras, em tempo de recolhimento e penitencias, não é, certo, pouco atrevido o gesto com que atiramos ao meio da rua esta *Lata*, cuja quédá retumbante vai provocar ajuntamentos de curiosos e comentarios os mais diversos. Donde veio? quem na atira? de que serve? Vamos responder a estas graves perguntas. Portentosa deve ser a resposta, porquanto é esta a vez primeira (se a historia não se engana) em que uma lata responde áquillo que se lhe pergunta: de algumas até se tem escripto, cuja mudez era tão perfeita em tanto extremo, que nem mesmo á eloquente interpeção de cinco dedos espalmados conseguiram articular a mais humilde contestação... Uma lata, meus senhores, não costuma cahir das nuvens. Esta, que aqui vedes, provem dessa região da sociedade, obscura e desprezada, a que vulgarmente se chama "o povo". Não será possível, portanto, apontar o autor da inesperada brincadeira. Basta saber que foi o povo. Assim também, em folias carnavalescas, acontece muita vez ir pelas ruas vistoso figurão de muita pança e compostura. Vai senão quando, traioeira serpentina lhe deita abaixo cartola, importancia e tudo, com applausos da ralé.

— Quem foi o atrevido?

— Foi o povo, ou alguém por elle.

As vozes que saem das grandes massas humanas não são anonymas. Vagas, mysteriosas, perturbadoras, perdem a individualidade, mas ganham força, eloquencia, prestigio, da sua origem insondavel. Isto parece um pouco transcendente; mas não é. Se o leitor quizer comprehender mais a fundo o que ahi está, aconselhamo-lo a que estude Schopenhauer. A theoria d'elle sobre a Arte é mais ou menos a mesma cousa.

Cremos, portanto, ter explicado com abundancia esta "Lata" donde vem, e por que mãos... Digamos, concluindo, o

de que Ella serve, sem descurar os encomios que seus prestimos mereçam.

Entendido o nome na accepção mais... lata, notorios são os serviços que de continuo presta, em utensilios domesticos de emprego o mais dilatado; entre os quaes avultam, como todos sabem, aquelles mais particularmente denominados "latas", verbi-gratia: uma lata de sardinhas. Considere o leitor que este exemplo aqui vem cahir, não por acaso e descabido; pois, antes, muito de industria e antecipadamente o escolhemos. Mostra-se por elle a virtude, sobre todas excellente, da lata, a qual consiste em guardar, conservar, sem máo cheiro nem pestilencias, substancias taes como a sardinha, e quiçá mais algumas alimarias, cujo natural impulso é corromper-se, apodrecer, feder e empestar.

Por este tão raro attributo, é possível que prestemos um serviço á posteridade — conservando em "algumas" destas "Latas" varios hospedes extravagantes

TIRANDO O CASCÃO...



Foi a Caldas; tomou banho...
Protesta S. Paulo inteiro
Que ha nisso, porém, de extranho,
Se pagou do seu dinheiro?...

das nossas aguas turvas, que, sem isso, com certeza apodreciam ao ar livre, com grave prejuizo para a sciencia, e damnos para o olfacto. Outra applicação da "Lata", não menos preciosa e muito mais divertida, pôde ser feita... nos rabos dos cães vadios — quando nos arrazam a paciencia com uivos importunos, escandalosas impudicias e cynicas ladroeiros. A fuga desesperada do bruto é cousa que não falla, com a ajuda effiz da molecada em vaias estridentes. Quando, porém, acontecer que o cão não tenha rabo, nem medo de "Latas", aconselha-se outro emprego: dar-lhe na "lata", ou pregar-lhe na "lata". E' mais seguro.

Seria, em summa, processo infinito, se quizessemos, logo de pancada, esgotar um assumpto de tal magnitude, como este dos prestimos da "Lata". Para terminar condensaremos o que ainda nos faltava dizer neste adagio latino, que diz tudo: *Fero fers, tulli latum ferre*. Que em nossa lingua vem a ser: "Quem com ferro fere, com ferro leva na "Lata".

As estatuas da Avenida

A LATA entrevista o
vereador Luiz Fonseca

Constando que o Sr. Luiz Fonseca pretendia apresentar á Camara do Municipio um projecto no sentido de serem removidas para o jardim do Valle do Anhangabahu' as estatuas existentes no Bosque da Avenida, procurámos o illustre vereador, afim de indagar do que a respeito havia de positivo. S. S. não fez mysterio de suas intenções; á primeira pergunta abriu-se logo, francamente, comnosco:

— A noticia é verdadeira. Depois de longo estudo, assentei, com o Washington submitter á Camara o seguinte projecto: Artigo 1.º — A edilidade fará remover do Parque da Avenida para o Parque do Anhangabahu' as estatuas que lá estão, symbolizando as cinco estações do anno — Flora, Baccho, Primavera, Oceania e Herodes. Artigo 2.º

— Revógam-se, sem excepção, as disposições em contrario."

— Qual, porém, a razão dessa mudança?

— Ha varias, e ponderosas. Dar-lhe-hei algumas. Em primeiro lugar, aquellas excellentes obras de arte, escondidas á sombra de copa de frondosos vegetaes, passavam despercebidas aos olhares sequiosos não só dos naturaes, como dos estrangeiros notaveis que nos visitam. Ora, as obras de arte, que custam os olhos da cara da gente, não são feitas para se guardar no bahu'. Haja vista a Venus de Millo, exposta em plena praça da Concordia em Londres. Acresce, depois, que eu, também de combinação com o Washington, vou apresentar outro projecto virando o Parque da Avenida numa tapada que nem o bosque de Rambouillet, onde o rei da França vai sempre caçar. Assim, já que a cousa tem mesmo de se fazer, é bom tirar já as estatuas de lá, para não espantar os passarinhos.

E, com um gesto bonacheirão, pittorescamente, concluiu:

— E' o principal que vou dizer na Camara; e, para o senhor... tenho dito.

PUBLICA-SE DE VEZ EM QUANDO

Excelsa mediocrítas

Quando lemos José Ingenieros, em *El ombre mediocre*, ou Emile Faguet, em *Le culte de l'incompétence*, vem-nos sempre á lembrança o nome do Sr. José Cardoso de Almeida, muito digno Secretario da Fazenda e do Thesouro do Estado de S. Paulo. Se não se tratasse, até, de dous escriptores peregrinos, que, habitando paizes tão longinquos, positivamente nunca viram o financeiro de Botucatu', seríamos capazes de jurar pelo Santo Breve da Marca que alguns capitulos daquellas obras tinham sido inspirados pela observação directa da pessoa de S. Exa., alli fidelissima e integralmente retratada.

Qual, de feito, o attributo notavel que poderia alcançador o Sr. José Cardoso de Almeida nas excellentes posições politicas, que tem occupado neste paiz? — O talento? A intuição clara das cousas e da psychologia dos homens? — Não. Decerto não foi nada disso. Talento, não sabemos onde poderia ir buscal-o acaso, desde que não lh'o deu a Natureza, na verdade de uma parcimonia quasi revoltante para com S. Exa. Intuição das cousas e da psychologia dos homens, nunca jámais ravelou o Sr. José Cardoso de Almeida a mais leve, porquanto é innegavel que — deixando já de parte o conhecimento da alma humana — as cousas, boas ou más se lhe tem invariavelmente depatado como sorpresas estuporantes. A historia de sua existencia, desde os ominosos tempos do Collegio Ivahy, onde a noite do seu cerebro primitivo foi perturbada pelas primeiras phosphorescencias da instrucção, demonstra, com exuberancia, a evolução tarda e lenta da sua intelligencia e das suas faculdades de assimilação. O Sr. José Cardoso de Almeida, já então, vejetando timidamente, encolhido, engelhado pelo inverno intellectual resultante da ausencia absoluta do fogo sagrado da imaginação, fazia prever que, a não falharem os conceitos dos mestres e a verdade indiscutível do rifão popular, estava indubitavelmente destinado a triumphar na vida... Parece até que isto não passára despercebido a seu mesmo respeitavel genitor, que Deus haja na sua santa gloria, o qual, com a agudeza do seu espirito de pai estremoso, vislumbrando que elle havia de ser o rebento mais brilhante de sua prole, o mais legitimo orgulho da familia, exclamava, satisfeito, enternecido, sempre que se referia ao Sr. José Cardoso de Almeida: "Juca, José, meu filho!" Um pai nunca se engana. — O pai do Sr. José Cardoso de Almeida, muito digno Secretario da Fazenda e do Thesouro do Estado de S. Paulo, não podia enganar-se. Não se enganou. Na veneranda Faculdade de Direito, de que sahiram Ruy Barbosa, Joaquim Nabuco, Campos Salles, Bernardino de Campos, Raul do Valle e Alfredo Pujol, começaram a confirmar-se as suas aureas previsões. O fedelho do Collegio Ivahy, agora adolescente, progredira sensivelmente. Não se lhe notou — é obvio — modificação sensível no intellecto, pois que, não sendo devoto da Virgem, se tornava impossivel a repetição do caso milagroso do Padre Antonio Vieira; porém — e não era preciso mais para sua gloriosa ascensão — creou coiros oleosos, ganhou enxundias, trocou a timidez antiga de collegial pela rompança pesada que ainda hoje ostenta. E, assim, bacharel ao cabo de cinco annos — appareceu, convencido e cheio como um ovo, armado cavalheiro para os grandes embates da politica nacional. Botucatu' impol-o ao Estado; o Estado impol-o á nação: e foi o Sr. José Cardoso

de Almeida Deputado Estadual e Deputado Federal; esteve na imminencia de ser Ministro do Sr. Marechal Hermes da Fonseca, e, nos dias que correm, é o illustre e muito digno Secretario da Fazenda e do Thesouro do Estado de S. Paulo.

O Sr. José Cardoso de Almeida — objectar-nos-hão tem, entretanto, muitos trabalhos, quer no parlamento, quer na administração do Estado, e todos elles tidos em grande conta. A esta objecção, porém, responderemos: Realmente existem esses trabalhos; mas é indispensavel que o publico saiba como elles foram ou são feitos, para ver que o Sr. José Cardoso de Almeida não desmente a regra de que os mediocres triumpham sempre com incrível facilidade. S. Exa., na Camara Federal, pertenceu a varias commissões, dentre as quaes a de Fazenda. Membro dessa commissão, firmou, como relator, não poucos pareceres de summa importancia, sendo que o ultimo, se nos não falha a memoria, sobre o orçamento da Marinha, foi recebido pela nação inteira com assombro. Quem redigiu esse parecer? A muitos ha de afigurar-se absurda semelhante pergunta; mas ella tem a sua razão de ser: é que os pareceres do Sr. José Cardoso de Almeida, como, aliás, todos os seus relatorios e artigos de imprensa — S. Exa. já foi jornalista! — são de commum escriptos, como pittorescamente se expressa o publico, com a mão do gato. Poderíamos até — o que faremos mais tarde, se preciso fôr, — citar exemplos...

O que o Sr. José Cardoso de Almeida está fazendo, de certo tempo a esta parte, na Secretaria da Fazenda e do Thesouro do Estado de S. Paulo, é ainda uma prova evidente da razão pela qual S. Exa. tem subido tanto. A' força de lhe elogiarem o *talento* e a *sabedoria* os thuriferarios lambazes de todas as situações, convenceu-se S. Exa. de que é, sem duvida, o mais profundo financeiro de S. Paulo e do Brasil e, talvez, do orbe terraqueo. Inchou-se-lhe a barriga e S. Exa. começou a acreditar que a erudição se albergava no ventre; e, dahi, por motivos inequívocos, que não podem escapar á percepção mesmo dos tolos, a orientação que adoptou, que, se o Sr. Altino Arantes não abrir os olhos a tempo, ainda acabará por levar o Estado, com a sua Secretaria da Fazenda e do Thesouro, e mais o saldo de vinte e cinco mil contos, á rua da amargura.

Porque o Sr. Altino Arantes, em quem, sem constrangimento, reconhecemos um homem intelligente e capaz, antes de convidar o Sr. José Cardoso de Almeida para a pasta que lhe confiou, devia já de ter sciencia de que o unico merito real de S. Exa. era a mediocridade. Dotado de muita argucia e observador por natureza, não podia ter escapado ao illustre paredro cujo apêndice mencioniano actua como fiel da balança de S. Paulo, que o Sr. José Cardoso de Almeida, além de ser um mau administrador, nem sequer dispõe de habilidade politica. A sua acção sorradeira no sentido de lançar a propria candidatura á presidencia; a sua situação de amphibio, agarrando-se ao Sr. Conselheiro Rodrigues Alves e conferenciando secretamente com o Sr. Julio de Mesquita; essa *rata* toda que o impediu de occupar hoje o posto em que honesta e criteriosamente se encontra o Sr. Altino Arantes, afigura-se-nos que representam factos mais do que sufficientes para dar a justa medida do valor do Sr. José Cardoso de Almeida.

O Sr. Altino Arantes, apesar de tudo, quiz aproveitar os serviços de S. Exa., e fel-o Secretario da Fazenda e do Thesouro do Estado de S. Paulo. Não ha duvida: esse novo triumpho do Colbert de Botucatu' está na logica das cousas. Como todo o homem intelligente, julgou-se o Sr. Altino Arantes na obrigação de render homenagem á mediocridade... que é, afinal de contas,

a maioria. Andou com acerto o conspicio Presidente, pois quando convidou o Sr. José Cardoso de Almeida para aquelle cargo, lembrou-se, de certo, de que o Marechal Hermes já fôra e de que o Sr. Wenceslau Braz é Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Excelsa mediocrítas!

SCHINGAREFF.

INQUERITO LITTERARIO

A' semelhança do que está fazendo a nossa brilhante collega "A Cigarra", vamos proceder tambem a um inquerito que, esperamos, logrará immenso exito. Este jornal é dedicado, como se lê no frontespicio, ás exmas. mães de familia e aos muito honestos pais da patria, razão pela qual não nos é permittido dirigir questões indiscretas ás graciosas senhoritas da possa alta sociedade. Reservamos esta tão invejada familiaridade á reconhecida candura da nossa virginal collega... Apenas nos consola a esperança bem humilde de sermos namorados ás escondidas das mães, exactamente pela confissão de que a nossa conversa não é sempre destinada ás suas gentilissimas filhas...

O nosso inquerito será menos attrahente; mas será mais sério, mais util, mais inte-

ressante. Vamos nos dirigir aos Srs. literatos de S. Paulo, para que nos esclareçam sobre uma multidão de circumstancias importantes relativas ás suas personalidades: biographias, gostos, implicancias, manias, vícios e virtudes. A historia e a literatura nos dão de agradecer o serviço inestimavel que lhes vamos prestar, se ao nosso esforço corresponder a boa vontade dos nossos homens de letras.

Está aberto, pois, o inquerito litterario. Todos aquelles que, residindo em S. Paulo, contarem entre 2 e 80 annos e se julgarem comprehendidos na vaga classificação de literatos, poderão depôr, bastando responder para isso, ás perguntas abaixo, em letra bem legivel e com o maximo de grammatica que se possa razoavelmente exigir em caso como este.

PERGUNTAS:

RESPOSTAS

- 1 — Quantos annos tem V. Exa.?
- 2 — Quando e porque se dedicou ás letras?
- 3 — Como costuma obrar V. Exa.? — Tem obrado muito?
- 4 — Que genero prefere?
- 5 — Qual o prosador que prefere?
- 6 — Qual o poeta que prefere?
- 7 — Qual a opinião de V. Exa. sobre a Academia brasileira de Letras?
- 8 — Idem, sobre a Academia Paulista de Letras?
- 9 — Sabe V. Exa. ler e escrever?
- 10 — Em caso affirmativo, como aprendeu?
- 11 — Quaes os livros predilectos de V. Exa.?
- 12 — Qual a opinião de V. Exa. sobre a Guarda Nacional, o Theatro Nacional, o Resurgimento Nacional e outras cousas nacionaes civico-literarias?
- 13 — Quaes são os intellectuaes mais illustres de S. Paulo, na opinião de V. Exa.?
- 14 — Acha que os artistas têm necessidade de um Mecenas?
- 15 — Qual a opinião de V. Exa. sobre os "Rebentos"?
- 16 — Acha V. Exa. que foi feita critica da obra de Machado de Assis?
- 17 — Quem é mais admiravel João do Rio — ou "O Magnifico"?
- 18 — Quem foi mais magnifico, Lourenço de Medicis ou Jacques d'Avray?
- 19 — Qual a opinião de V. Exa. sobre a imprensa de S. Paulo?
- 20 — Qual a opinião de V. Exa. sobre "A Lata"?

O ANNEL

A instituição do anel, como distintivo de cargo ou profissão, parece que tem origens ignoradas no seio profundo da nossa personalidade.

Do contrario não se explica a extensão immensa do seu prestigio, sempre crescente nos nossos costumes. O assumpto merece particular estudo e pôde fornecer materia para tres ou quatro conferencias maiores e mais documentadas que as do Sr. Alfredo Pujol sobre Machado de Assis.

Já tinhamos os aneis de advogado, de medico, de engenheiro, de dentista, de professor, de pharmaceutico, de bacharel em sciencias e trêtas, de conego, de monsenhor, de bispo, de negociante, de cometa, de... etc., etc., etc., porque a lista ainda podia continuar por ahi além.

Agora vamos ter mais um anel: o de prefeito. A idéa já foi lançada e parece contar com bons elementos para ser aproveitada, como merece.

S. Paulo, esta heroica cidade, cabeça do Brasil e berço da independencia, está afinal tomando consciencia do seu valor e da sua nobreza. Os seus grandes feitos e prosapias já foram convenientemente blasonados num escudo de armas, cuja apreciação pretendemos preparar com aprofundados estudos de heraldica e armaria. Sorocaba, terra illustre pelos seus algodoacs, pela sua força electrica, muar, bovina e cavallar, patria de Varnhagem e de Luiz Nogueira Martins, precedeu a capital na composição dos seus brazões. Era preciso achar Sorocaba. Mas achar de uma vez Sorocaba e todas as demais cidades, villas e aldeias que doravante vão todas abrir escudo, com corôas muraes, braços moventes de destra e de senestra, quarteladas em goles, ouro e outras cousas mais dessa difficil arte heraldica que agora todos sabem, menos nós. São Paulo precisava, pois, achar estes logarejos na sua estulta pretensão. Não bastava um escudo, perfeito, bonito, acabado. Sorocaba tambem possui o seu, embora, segundo se proclama, errado, falso e feio. Era preciso mais, muito mais. Dahi, a idéa do anel.

Pois o bispo não usa anel? Porque não ha de usal-o o Governador da cidade cujo poder temporal é muitissimo maior? Objectar-se-ha que o Presidente do Estado não ostenta anel honorifico. De accôrdo. Mas o Presidente do Estado tem outros signaes, além do queixo, que lhe dão lustre, imponencia, e autoridade: tem secretario, ajudante de ordens, casa civil e militar, guarda de honra, além do cortejo natural dos ministros, aulicos, palacianos, aggregados, etc.; uma verdadeira côrte, emfim, que bem dispensa um anel a mais para uso do Pretidente.

Mas o Prefeito? Ao Governador de uma cidade como S. Paulo nenhum signal exterior se dá, que demonstre a elevada cathegoria e grande autoridade do seu cargo. Por fórma que o anel é mesmo uma idéa optima. Faça-se, pois, o anel. Mas que se faça antes mais largo do que estreito. Do contrario, ainda poderiamos vir a ter tal prefeito, de mãos tão gordas ou tão grosso de dedos, que lhe fosse de todo impossivel enfiar-os pelo anel.

E' verdade, por outro lado, que, sendo o anel mais largo, poderia ao contrario ficar solto e mal seguro, correndo o risco de se perder, no dedo d'algum prefeito muito fino — queriamos dizer no dedo muito fino do tal prefeito... Neste caso, porém, haveria o recurso facil de se lhe

engrossar o dedo com luvas de segurança, de espessura proporcionada; ou, ainda, como já foi alvitrado, metter-lhe o anel no dedão do pé direito, calçando-o de sandalias á moda capuchinha.

Sómente num caso, a difficuldade resultante para o uso do anel seria mesmo insuperavel: no caso do cidadão eleito... não ter dedo. Cremos, porém, que aqui está, justamente, a maior vantagem da instituição do anel. Poderá o eleito dispensar, até, o trabalho de votar: a simples cerimonia da imposição do anel mostrará, sem erro possivel, se o candidato apresentado tem ou não tem dedo para prefeito...

—————

— Então o Alarico demittiu-se de Director da Limpeza Publica?

— E' verdade. E por motivo bem futil...

— Porque?

— Elle achava que o serviço de Limpeza Publica era tão bem feito que, no brazão de S. Paulo, deveria figurar uma carroça dessas que, á noite, andam varrendo as ruas. O Washington não concordou: elle considerou-se desprestigiado, zangou-se e demittiu-se.



Nasceu, viveu e ha de morrer sorrindo...

—————



O Dr. Plinio Barreto anda malevolamente a propalar que o Dr. Mario Tavares não tem talento — VOX POPULI.

Anda o Plinio a dizer, pelas esquinas,
Coisas tremendas do collega Mario,
A cuja acção, das letras no scenario,
Faz despeitosas allusões ferinas.

E, não contente ainda, por plagario
Aponta-o... de Pacheco! E outras mofinas
Vae forjando, com artes tão divinas,
Que, mais um pouco... e o muda em dromedario.

E' uma injustiça clamorosa e infame
Contra a qual me revolto e sou o primeiro
A aconselhar que o publico reclame.

Pois estou certo de que bastaria
O simples necrologio do Pinheiro
Para tornal-o célebre num dia...

—————



Este Leroy Beaulieu de fancia...

Honra ao merito

Os funcionarios publicos andam todos macambuzios, mal humorados, de nariz comprido. Porque? Será por causa dos novos impostos que lhes reduzem as pensões vitalicias? pelo aumento das horas de expediente? ou pelos novos regulamentos de arroxos arremessados contra elles como anathemas fulminantes lá do Paço Real dos Campos Elyseos? Será por causa do calor, da carestia da vida? Nada disso! Os funcionarios andam assim porque estão verdes de despeito. Porque levaram uma lição tremenda de civismo que os vai impedir de andar declamando contra o Governo dentro das proprias repartições onde os recolhe a bondade paternal do Estado.

Parabens ao Dr. Cartola! Parabens ao Dr. Batata! Clamavam por ahi que estes illustres estadistas eram protectores escandalosos dos seus proprios parentes, nomeando um e outro os respectivos pimpolhos para os cargos de official de Gabinete nas Secretarias respectivas. E mais: que os distinctos rapazelhos não tinham nem competencia nem merito, além do de serem filhos dos papais.

O desmentido dos honestos Secretarios demorou a chegar. Mas chegou. E que desmentido! — Acachapante, pulverizante, entupiu a canalha maldizente!

Ficou provado, sem contradicção possivel, por um facto claro, eloquente, positivo, que os dous filhos dos papais alcançaram os seus postos e se tornaram dignos delles exclusivamente por competencia e merito. A sua pouca idade e nenhuma antiguidade no serviço publico, não têm a minima importancia: a propria lei estabelece que, em casos de concurrencia, o merito prevalece sobre a antiguidade. Pois querem melhor prova de merito do que está que aqui está? — Foram estes dous illustres meninos os unicos (entendam bem—os unicos) os unicos funcionarios publicos que mereceram gratificação pelos serviços prestados o anno passado!!

Sim, senhores: em recompensa aos seus extraordinarios esforços, o Thesouro do Estado, cujo rigor é sobejamente conhecido, não teve outro remedio se não abrir as arcas e enteregar um conto de réis a um, e um pouco menos ao outro! Exemplo nobilitante para o functionalismo pouco zeloso!

Aproveitem a lição que lhes deram estes jovens rebentos de dous paredros impollutos, os quaes mostram, como dizia o poeta, que "La valeur n'attend pas le nombre des années..."

Honra ao merito, senhores! Eis ahi porque razão andam de nariz comprido os funcionarios, e a imprensa gritadora de viola no sacco.

E ainda ha quem censure os honestos Secretarios...

—————

Entre os Srs. Mario Amaral e José Paulista do Brasil Piedade:

— Esta idéa do anel está me dando que pensar...

— Porque?

— Acho que será necessario fazer um regulamento restrictivo do uso do dedo do prefeito.

— ?!

— Sim, para que elle não ande mettendo o dedo em toda a parte...

O CARTOLA

Este Leroy Beaulieu de fancaria,
Que o Morse de elogiar nunca se cança,
Tinha certeza que a basófia e a pança
A falta de talento lhe suppria.

E, neste engano, lêdo e cégo, um dia,
Fazendo-se de sério e de carrança,
Na arêna da politica se lança,
Como quem grandes coisas pretendia.

Foi deputado federal; banqueiro;
Jornalista de merito... honorario;
Fez intrigas com o Julio e o Conselheiro.

Presidente quiz ser... Soffreu dególa...
-- Eis a historia do illustre secretario
Que o vulgo chama de -- Doutor Cartola...

O BATATA

Sahiu da Faculdade este portento!
Misturando Carrara com Lombroso,
Aquino com Voltaire -- eil-o famoso
Por ser um papagaio... de talento.

Da Camara sahiu; sahiu, furioso,
Da velha Dissidencia -- o faro attento
Para, apenas cheirasse um bom momento,
Fazer-se governista fervoroso.

Emfim, como Ministro elle se estreia,
Neste ponto... é melhor estar calado.
(E' o Nereu quem no diz lá da Cadeia.)

E eu, por mim, ponho as barbas já de môlho,
Que o malandro, por força do ditado,
Tem de aqui governar... por ser caólho.

O SORRISO

Nasceu, viveu e ha de morrer sorrindo.
Se a vida lhe tem sido um mar de rosas...
Ri aos homens e ás donas mais formosas
Com o mesmo riso, descuidado e lindo.

Ri, contente, as risadas mais gostosas;
Triste, um sorriso doloroso, infindo...
E vae, assim, com o riso, definindo
Coisas dôces e coisas amargosas.

Ri para o Queixo com um sorriso bello;
Para o Cartola, com um sorriso inteiro;
Para o Mesquita, pallido, amarello...

O rifão... fal-o rir: não vale nada...
Hei de lhe pôr, na campa, este letreiro:
Nasceu, viveu, morreu dando risada...

O KA'KA'

Káká, moço pimpão, filho dilecto
De Dom Chico Perú, rei desthronado...
Foi galeno de nome: -- aposentado,
Tornou-se de estadista um bom... projecto.

Fel-o o Altino patrão da náu do Estado.
E eil-o em seu posto, impertigado... o insecto!
Com as fumaças de um principe, mas recto;
Com a "pose" de um Cartola, mas honrado!

E' cria de papae... De certo, é cria...
Fossem todos, porém, crias como elle,
E São Paulo outra coisa, então, seria.

E' cria de papae... Nem elle o ignora...
Mas quanta gente, com inveja delle,
O não ser filho de tal pae deplora?!...



O QUEIXO



Tomo da penna... Deixo-a, desolado,
Pois a tarefa exige outro instrumento.
A minha concepção, o meu intento
Demanda, pelo menos... um machado!

Tomo-o nas mãos... E, resoluto, assento
De talhar, num soneto, o queixo amado.
Procuro executar o plano ideado;
Mas em vão me extenuo e me atormento.

Em vão me esforço e com afan trabalho;
Em vão a idéa encólho e o verso estico:
— Todo o serviço, todo o esforço é falho.

Pois, em seguida ao labutar de uma hora,
Crendo findo o trabalho, verifico
Que metade do queixo está de fóra!...



NA PARVONIA

Porque o sr. Pujol vai entrar
para a Academia Brasileira

I

Está resolvida a entrada do Sr. Dr. Alfredo Pujol para a "Academia Brasileira de Letras". Noticiou-o, com o peso da sua autoridade, o "Jornal do Commercio"; propala-o o proprio Sr. Dr. Alfredo Pujol, em manifestações de inusitado entusiasmo. S. S. vai ter assento na poltrona de Machado de Assis.

Que leva o Sr. Dr. Alfredo Pujol á Academia? Aquelles que conhecerem S. S., apenas através de suas obras, ficarão, com certeza, em difficuldades para responder satisfactoriamente. Eu, não: tenho acompanhado com vivo interesse o desdobrar de sua existencia; e, assim, conhecendo-o intimamente, poderei explicar, com exuberancia, a sua ascensão á Immortalidade.

O Sr. Dr. Alfredo Pujol não penetra na Academia pelo seu valor litterario: se fosse este o titulo a exhibir á porta do nobre cenaculo, teria de consolar-se cá fóra o inchado bibliophilo. S. S. litterariamente, fahou na vida: é simplesmente um "raté". Mancoço esperançoso ha trinta annos, o mesmo havia de ser ainda agora, se lograsse possuir, como o excellento Julio Cezar da Silva, o philtro da juventude eterna.

O Sr. Dr. Alfredo Pujol nunca pôde transpôr as raiaes da mediocridade nos generos litterarios que tentou. Orador — e tem S. S. admiradores fêrvidos — foi sempre um rhetorico balôfo, que, á falta de imaginação e de outros predicados, procurava prender a attenção do auditorio com os ribombos de uma voz trovejante e com uma mimica desordenada e afflictiva, estudada ao espelho. Não pôde dizer o contrario quem acaso o viu e ouviu no jury ou na tribuna popular. Jurista... Para, neste assumpto, dar uma idéa do merecimento do embryonario immortal, é sufficiente lembrar o insuccesso da defesa, que fez, de Albertina Barbosa, e, sobretudo, o seu concurso para lente da Faculdade de Direito de S. Paulo, em que teve por antagonista o Sr. Dr. Gama Cerqueira. Creio que não será preciso recordar factos parâ pôr em relevo a desvantagem pasmosa que levou o Sr. Dr. Alfredo Pujol, que foi, como se sabe, reduzido a pouco menos de... pô de traque. No "Estado de S. Paulo", publicou S. S., durante algum tempo, umas chronicas — "Os meus domingos" — fructo da elaboração penosa de uma semana inteira. Ahi, jámais teve um lampejo revelador de verdadeiro talento. Foi, puramente, um vulgareizador de pavoices e de gallicismos. Mais nada.

Critico... Agora chego ao ponto capital. Critico, fez o Sr. Dr. Alfredo Pujol uma serie de conferencias sobre Machado de Assis, na "Sociedade de Cultura Artistica". Assisti a todas ellas. Tenho-as aqui, a meu lado, recortadas do "Estado de S. Paulo". Que representam? Um livro vulgar, escripto sem a menor dose de criterio scientifico e inçado de citações interminaveis, a demonstrarem uma erudição de "Larousse" ou de "Almanach". Não ha nessas conferencias uma nota pessoal, que affirme o senso esthetico do critico e a comprehensão exacta da obra do mestre. De maneira que a gente chega ao fim... como estava no principio:

na mesma. Fica-se unicamenté sabendo que o Sr. Dr. Alfredo Pujol leu Machado de Assis... na integra. Para quem possa adquirir os livros do mestre, é pouco, não ha duvida...

O Sr. Dr. Alfredo Pujol chamou a isso um — "Curso sobre Machado de Assis"! O "Estado de S. Paulo" tem-n'o elogiado de uma maneira descomedida. Ha dias, annunciando a ultima das taes conferencias, elevava ás nuvens o Sr. Dr. Alfredo Pujol, dizendo que o "illustre litterato documentára FORMIDAVELMENTE o seu trabalho". Upa! que esta agora...

* * *

Que é, entretanto, se não o valor litterario, o que leva o Sr. Dr. Alfredo Pujol á Academia Brasileira de Letras? A falta de gente melhor em S. Paulo? Não: ahi temos Luiz Pereira Barreto, homem que ha muito já lá devia estar, pelo seu brilho de escriptor e pela sua immensa cultura; Amadeu Amaral, poeta suavissimo e prosador solerte; Gustavo Teixeira, que, se umas vezes tem descahidas lamentaveis, outras, o mais frequentemente, se mostra um vate magnifico; Aristeu Seixas, artista do verso, critico de raras qualidades, polemista de pulso; Wenceslau de Queiroz, que, desigual embora, é merecidamente considerado como um poeta de talento; e outros e outros que, na provincia das letras, deixam a perder de vista o profanador da obra de Machado de Assis.

O que leva o Sr. Dr. Alfredo Pujol á Academia Brasileira é, apenas, a sua inconcebível "chanche", por um lado, e, por outro, a sua audacia! Outra cousa não pôde ser. De facto, depois do que ficou dito, a conclusão a que se chega é esta: que os merecimentos litterarios do Sr. Dr. Alfredo Pujol consistem sómente em possuir uma vasta bibliotheca, ricamente encadernada; em corresponder-se com Anatole France, com Paul disto, Paul daquillo; em ter livros com a dedicatória, do proprio punho, de summidades litterarias de todo o orbe, dentre as quaes dizem até que figuram Homero e Dante! e em ser, finalmente, amigo intimo do Sr. Dr. Julio de Mesquita.

Agora, indagará espantado o leitor: — Então o Sr. Dr. Julio de Mesquita podia lá pôr o Sr. Dr. Alfredo Pujol na Academia Brasileira de Letras? Pois eu lhe affirmarei, convencido:—pôde e pôde. Porque não ha duvida que o renome do Sr. Dr. Alfredo Pujol deve-o elle quasi que exclusivamente ao Director do "Estado de S. Paulo". O Sr. Dr. Julio de Mesquita é um homem curiosissimo. Tem muitos defeitos: é irritavel e irritante, intolerante e absorvente; é mesmo intratavel para a generalidade dos individuos que delle se acercam. Mas estes defeitos, explicaveis pelo seu temperamento de neurasthenico, são compensados por grandes qualidades, que nos fazem, muita vez, admirar o homem que nos desgosta. O Sr. Dr. Julio de Mesquita é, antes de tudo, amigo dos seus amigos. Affectivo em extremo, quando alguem lhe cáe na sympathia, torna-se prodigo de attensões e gentilezas, não se lhe dando mesmo de fazer sacrificios, quaesquer que elles sejam. Haja vista o seu procedimento no tempo da primeira Dissidencia: dado o rompimento com a facção governista, o Sr. Dr. Julio de Mesquita chegou a pôr a burra do "Estado" á disposição de alguns dos pais da patria, seus compa-

nheiros, que, abandonando situações politicas remuneradoras, haviam ficado em precaria situação financeira. Dominado assim por estes sentimentos, que são o segredo de muitas dedicções, o Sr. Dr. Julio de Mesquita imprime ao seu grande diario a orientação que todos têm visto: de intransigencia com os que não lhe são sympathicos, como o Sr. Eloy Chaves e o Sr. Conselheiro Rodrigues Alves; e de tolerancia absoluta com os seus amigos, como os Srs. Cincinato Braga, Paulo Moraes, João Sampaio e outros. O Sr. Dr. Alfredo Pujol está neste numero: amigo do peito do Sr. Dr. Julio de Mesquita, começou a mirar-lhe o "Estado", por meio de lente, os merecimentos oratorios e litterarios. Cada discurso ou artigo que o Sr. Dr. Alfredo Pujol escrevia era uma cousa notavel e assombrosa, reveladora de excepcional talento. O fiasco do concurso na Faculdade de Direito, por exemplo, foi transformado milagrosamen-

te em magnifico triumpho, muito embora o publico delle tivesse consciencia!

Por forma que, assim trombeteado e imposto á admiração basbaque da gente ignára, foi-se animando o Sr. Dr. Alfredo Pujol, e, dentro em pouco, ajudado tambem pela sua notavel audacia, entrou a deitar rompancia e barriga, consolidando com relativa facilidade a lenda de uma sciencia hieratica, que ninguem apreciou nunca jámais, e de um talento litterario, que seria capaz de metter inveja ao mesmo Sr. Conselheiro Ruy Barbosa! Assim, não foi, de certo, difficil chegar ao Rio de Janeiro, a fama do triste rabisca-dor insôso, methamorphoseado em grande escriptor; asssim, pela amizade providencial do Sr. Dr. Julio de Mesquita e pela audacia que o caracteriza, se abriram, de par em par, as portas da Academia ao Sr. Dr. Alfredo Pujol...

ERASMO.



Kaká, moço pimpão, filho dilecto...

AO CONEGO

Rareando vão agora as bibliothecas,
Nas guerras que este mundo põem em cacos.
Mil incendios, quaes rábidos macacos,
Os livros fazem voar, como petecas,

Já Louvaina, já Brouges -- grandes Méccas,
Que albergavam as sciencias nos buracos --
Os sabios, que, em saber, só, tem seus fracos,
Lamentam com insultos de munhecas.

-- Dom Pujol! -- que em paiz de mamelucos
Gran fama já lograste nas potócas --
Exulta com taes obras de malucos!

Ostenta a livraria a estes babócas!
Pois, antes que anoiteça á voz dos cucos,
Em laureado academico te trocas...

DE GALLINHEIRO...

SÃO JOSÉ

Sabemos que está trabalhando neste theatro a companhia lyrica Rotoli-Billoro. Não fomos ainda lá; mas não vacillamos em afirmar ao publico que os espectaculos têm sido excellentes e muito concurridos. Nós aqui, na "Lata", adoptamos o processo de critica do Sr. Wencesláu de Queiroz, no "Correio Paulistano" — o mais pratico e efficaz de quantos conhecemos. Fazemos a critica pelo programma: conforme os artistas que tomam parte no desempenho, este é, para nós, bom ou máu. A peça representada é sempre a annunciada, ainda que, por motivo de força maior, haja sido substituída por outra, á ultima hora. Isto nos poupa o trabalho estafante de ir aos theatros e de escrever a altas horas da noite.

A Companhia Rotoli-Billoro já representou segundo podemos afirmar pelos annuncios — o "Guarany", a "Bohemia", o "Trovador", a "Carmen", a "Favorita", "O elixir de amor" e outras. Todas foram levadas á scena com acompanhamento de orchestra e côros, sob a batuta de um regente experimentado e com applausos geraes da assistencia.

Nós, aqui, não regateamos as nossas palmas aos esforçados artistas que com

tanto garbo se houveram. Entretanto, não podemos furtar-nos a uma pequena reclamação, pois extranhámos que, dentre o grande numero de peças já representadas, sómente figurasse uma — "O Guarany" — de autor brasileiro, o saudoso Sr. Carlos Gomes. Parece-nos que outras peças nacionaes mereciam tambem as honras da scena; um povo que já contribuiu para a arte com obras como, para não citar outras, "O rei Guilherme", do Sr. Queiroz Assumpção; o "Caso Colonial", dos Srs. Carlos de Campos e Gomes Cardim, "Foscarina", de J. Gomes Junior; e, sobretudo, "Historia de um Pierrot", musica de C. Pagliucchi e libretto de Jacques d'Avray,—um povo tal bem pôde dispensar a collaboração de autores estrangeiros sedições e de valor muito discutivel, como os Srs. Puccini, Leoncavallo (que pelo nome não se perca). Verdi, Rossini, etc. etc. A preferencia pelas operas importadas só se pôde dar com grave prejuizo do movimento nacionalista, em boa hora auspiciosamente provocado pelo festejado bardo Sr. Olavo Bilac. Assim, sem pretender ferir a Companhia Rotoli Billoro, que, afinal de contas, nada tem que ver com a depressão do nosso civismo, julgamos de bom aviso chamar para o facto a attenção do Sr. Dr. Pedro Lessa, muito digno Presidente da "Liga Nacionalista". S. Exa., aproveitando a oportunidade de se achar em S. Paulo, não faria nada de mais si se desse ao trabalho de passar pelo theatro "São José", afim de verificar "de

visu" a procedencia de nossa reclamação.

BOA VISTA

Neste theatro, está funcionando a Companhia de comicos nacionaes do Sr. Gomes Cardim. Estreou com "La Flambee", de Kisteamaher.

Cabem aqui as mesmas observações acima expendidas.

E com maior razão ainda, porque essa Companhia tem como artigo primeiro do seu programma o levantamento do Theatro Nacional.

Kistemacker! "La Flambee"! O' manes de Arthur Azevedo e João Cactano!!! Pois, então, quem possui actualmente auctores como Gomes Cardim, Bento de Camargo, João do Rio e Arlindo Leal precisa lá de recorrer a peças estrangeiras e de auctores de nomes tão rebarbativos?! Decididamente, isto vae por máu caminho. Que diriam os francezes se os Srs. Guilherme de Almeida e Oswaldo Andrade se lembrassem um dia de fazer representar as suas peças em Paris?!...

Ah! Sr. Dr. Pedro Lessa, tome uma providencia, por piedade!

APOLLO

Trabalha aqui uma companhia de variedades. Os programmas, na verdade, não têm sido mal organizados. Mas nota-se nelles a mesma falta de patriotismo de sempre! Ha de tudo nesses programmas... menos artistas brasileiros. Sae uma Senhora ao palco. Quem é? E' uma franceza, ou uma italiana, ou

uma japoneza! Elemento nacional... no-
ves fóra, nada! Não teremos, acaso, para o genero, artistas indigenas? Temol-as e de sobra: ahí estão a Bupiuba, a Bororó, o Duque, os Geraldos, o celebre comico Benjamin, o Polidoro, a Nena, o Bifano, o Cicero Marques e muitos outros que seria fastidioso ennumerar. E cançonetes? Tambem não faltam: temos a "Cabocla do Caxangá", o "Luar do Sertão" (tão lindo), o "Meu boi morreu" (que mereceu as honras de uma traducção em inglez), a "Yayá me deixe", a "Vem cá mulata", a "Sabina", e outras ainda, de indiscutivel valor artistico, como as do notavel cançonetographo Sr. Felix Otero.

E' isto... Como se já não bastasse o nome Appollo, tirado da mytologia grega, quando possuimos na nossa divindades, cujos nomes com vantagem poderiam brilhar no frontespicio do apreciado café concerto, taes como o Sacy-perêrê, o Boitatá, etc. etc.

Seria de mais solicitar ao Sr. Dr. Pedro Lessa que fosse dar uma vista d'olhos no referido theatro?

VERISSIMO.

Folk-lore

Batata pegou Cartola.
Cartola pulou p'ra trais.
As menina 'stão dizeno:
Cartola não presta mais...

Diz a gente, na cidade,
Que a crise que nos assola
E' devida... á habilidade
Do financeiro Cartola.

intelligentemente aproveitados na obra edificante desse caridoso congraçamento. O carnaval deita abaixo as convenções, não é assim? — Pois abaixo a convenção contra as mundanas! Nos bailes mascarados da grande roda, tudo se nivela, por conseguinte. Não ha distincções artificiaes. Só ha mascarados, que trocaram a mascara de todos os dias por outra mascara de setim ou de cartão. Eis chegado o grande momento! Quanta curiosidade contida! Quanta revelação curiosa não se poderá obter?

São os corações puros que interrogam os corações maculados. Vão começando as timidas sondagens, que as dansas, as luzes, as vozes e o champagne, aos poucos encorajam até os limites proximos da loucura. Haverá nada mais ineffavel que a reconciliação momentanea de dous mundos inimigos? Oh! suave mysterio!... *Sursum corda!!*

* *

Catões de meia tigella! Cessai os vossos vãos discursos indignados, contra o que chamaes a corrupção da nossa sociedade! Esta nobre sociedade paulistana está, ao contrario, a reclamar os mais justos encomios. Pois que, procedendo desta fórma, attesta, antes de tudo, o seu bom gosto.

Senão, dizei-me: — a mulher é ou não é uma obra d'arte? — E'. Obra d'arte que se manifesta não só pela belleza physica pura e simples, mas sobretudo pelo gesto, pelo vestuario, pelo donaire, pela graça. Mas, principalmente, por essa invenção sobrehumana que faz da mulher uma obra aparte na criação, tornando-a superior ás deusas immortaes: a móda feminina.

Ora, estas cousas todas, que fazem da mulher o proprio objecto da arte por excellencia, ninguém contestará que na mundana se encontram no mais alto gráo. E' a mundana que as cultiva e aperfeiçoa por dever profissional.

Quem haverá ahí, que, melhor que uma linda peccadora, possa ensinar ás bellas e honestissimas senhoras, os segredos mais

fascinantes do tango, o córte mais gracioso de umas saias?

— Ninguém!

Logo, do ponto de vista do progresso artistico, só vantagens advêm da incriminada approximação.

Que dizer, pois, de conhecido vespertino, cujo pudor excessivo o levou a dar conselhos á policia — que impedisse ás transviadas a participação nos espectaculos e divertimentos publicos frequentados por familias?

Se fosse decretada a vexatoria prohibição, havia de ver o moralista a falta que faria nessas festas o seu melhor elemento decorativo, o que nos theatros, nas corridas, nos simenas, é a nota mais vibrante, a cór do quadro que lhe dá contraste, servindo, além disso, de escola de elegancias, senão de compostura.

Assim, é, pelo menos, como estas cousas se entendem nas grandes metropoles do mundo, segundo tenho lido em revistas e romances. E isto mesmo confirmam os cinematographos e o testemunho insuspeito de pessoas viajadas e instruidas. Seria, logo, rematada estultice pretender afastar do commercio da sociedade uma parte della que contribue honestamente para a belleza e brilho das reuniões mundanas.

Afinal, o pudibundo vespertino está a pecar por incoherencia. Pois, se são sinceros os seus propositos, parece-me que não era sufficiente impedir á Perdição todo contacto com as familias; cumpria tambem prohibir que a Familia invadisse o campo adversario, nos taes bailes carnavalescos, onde imperam as perdidias... Mas esta idéa é tão absurda, tão encontrada com o progresso, e tão mal aceita seria, que andou bem o jornalista em não lembral-a: era perder a freguezia.

* *

A nossa nobre sociedade d'alto bordo não revela sómente o seu bom gosto com tal procedimento; mas, sobretudo, uma elevadissima cultura, inspirada na veneravel lição das Sagradas Escripuras. E' um exem-

plo edificante do bom uso da logica em materia de moral christã.

Esta doutrina, que já tenho esboçado, sobre a natureza convencional e transitoria da interdicção das marafonas, nenhuma só vez é desmentida, quer no Antigo, quer no Novo Testamento.

Moysés, regulamentou, em todas as minucias, o commercio entre mulheres e varões, ennumerando os casos todos em que as pessoas se tornavam immundas e requeriam as purificações rituaes feitas no Templo. Estas disposições, que alcançavam os mais infimos pormenores, applicavam-se sobretudo á mulher, em diversas circumstancias. As paridas, por exemplo, eram impuras por quarenta dias, e impuro, tambem, quem lhes tocasse.

Entretanto, apezar de tantas minudencias, nem uma unica vez se faz menção da impureza das mundanas! — Isto prova que Moysés não enxergava a sancção divina na deshonra que as estymatiza.

Nem se diga que as leis eram assim por ser, naquele tempo, desconhecida a profissão de corteza. — Na conquista e exterminio de Jerichó, manda Josué que seja poupada a vida sómente a uma tal Madama Rahab — *Sola Rahab meretrix vivat* — porque escondêra dous espias dos hebreus.

Acrescenta a historia que esta insigne rameira casou e gerou prole numerosa entre os seus conquistadores. Por onde se vê que o seu merito nada perdera, de facto, pelo opprobrio convencional da antiga condição.

Mas, o melhor de tudo é que este nome da Rahab se repete na Genealogia de Nosso Senhor Jesus Christo, Evangelho de São Matheus! — E' admiravel, na verdade, que os prégadores sagrados nunca tenham aproveitado esta circumstancia extraordinaria para mais encarecer os merecimentos da humildade.

Jesus Christo, porém, nunca descurou de patentear a nenhuma conta em que tinha os decretos transitorios dos homens notando de infamias indeleveis as tristes peccadoras; muito bem o demonstrou no episodio comovedor da Magdalena, e na absolvição da

esposa adultera. E com bons fundamentos se acredita que de adulteras e de madgalenas era composta na maior parte a multidão de mulheres que O seguia. Pois, bem avaliava Christo quanta resignação e verdadeiro desprezo de si mesmas o seu triste mister lhes incutia, acostumando-as a carregar sem revolta o peso de injusta ignominia. De maneira que a humildade destas peccadoras lhe parecia a Elle mais conforme ao seu meigo Coração do que a soberba honestidade das "outras" que impam de virtuosas.

Jesus, em summa, nada mais fazia que se conformar com as palavras do propheta: *Tu, autem, fornicata es cum anatoribus, multis; tamen revertere ad me, dicit Dominus, et ego suscipiam te.* — Jer. III. Não dou a traducção, pois era ensinamento inutil á nossa sociedade d'alto bordo, que tão bem se inspira neste lemma sagrado.

* *

Eu assisti aos bailes mascarados do Trianon, do Appollo, do Casino. Testemunhei os gestos de congraçamento que foram causa destes commentarios. Juro, pelos deuses immortaes, que procurei ser imparcial e justiceiro. Por onde me sobejam motivos de intenso jubilo, por ter verificado que o procedimento, á primeira vista censuravel da nossa sociedade d'alto bordo, é, na realidade, justo, bello, discreto, conforme á Religião. Representa, em todo caso, uma tendencia, que não pôde ser desprezada pela policia de costumes, nos seus novos regulamentos contra as decahidas. Cumpre-lhe talvez moderar um pouco o zelo, se não quizer provocar protestos imprevistos das sympathias offendidas.

Assumptos graves como este requerem estudo profundo e aturada meditação. Aconselho, pois, á policia que, antes de proseguir na sua obra, se aproveite bem destas modestas locubrações, que vou terminar por mais um dito de Montaigne: *"La sagesse a ses exces, et n'a pas mois besoing de moderation que la folie."*

ALCESTE.